

A REVISTA



SUPLEMENTO DO NOVAS DA GALIZA

NÚMERO 74 DEZEMBRO 2014



O CARANTONHA DE COTERZES

Há Carlos C. Varela achega-nos ao Carantonha de Coterzes, em Pedrafita do Zevreiro. Menos conhecida do que o Apalpador, esta figura das montanhas orientais do país corre a pedir o aguinaldo com umha vara de xardom e acompanhado dos Reis.

CRIAÇOM

Apresentamos a segunda entrega do relato 'A Porta', de Nito Neira, luguês de naçom, trabalhador numha residência de pessoas idosas e amigo dos gatos e das bebidas espirituosas. Nesta segunda parte, é-nos desvendado o final da história de Ela, umha jovem da periferia compostelana que sofre um estranho episódio em que desce para um mundo desconhecido, com os problemas e os trastornos que tal viagem lhe irá supor.

CINEMA

«Nunca pensei que das três palavras que componhem a denominaçom "novo cinema galego" a que pudesse estar mais em causa fosse o adjetivo de referência à origem», afirma Xurxo Chirro no artigo deste mês da secçom Campa Audiovisual.

A GALIZA NATURAL

“Vidoeiro, beleza nua em tempos de inverno”

João Aveledo

*Minha mãe quer umas socas
Branquinhas de avidoeira;
Mande-mas vir de Vilalva,
Daquelas que há de chinela.*

A beleza dos troncos esbranquiçados dos vidoeiros, sobre um chão atapeado de folhas ainda douradas, caracteriza a saída do outono de um cromatismo singular nos bosques da nossa terra.

Os vidoeiros são árvores esbeltas, que atingem habitualmente entre os 10 e os 20 m. de altura, ainda que por vezes, apresentem porte arbustivo. As folhas são pubescentes, romboidais e de bordos serrados.

A espécie *Betula alba* encontra-se bem distribuída pelo Velho Mundo, do Cáucaso às Ilhas Britânicas e da Escandinávia à Península Ibérica. Presente na maior parte do território galego, rarifica-se conforme aumenta a influência mediterrânica. Em parques e jardins encontramos também *Betula pendula* variante meridionalis plantada pelo seu alto valor ornamental.

Árvore pioneira de solos ácidos e pobres, é capaz de crescer onde



os exigentes carvalhos e castanheiros nunca prosperariam. Prefere zonas altas e frias por cima dos 300-400 m., subindo até os 1700 m., limite altitudinal da vegetação arbórea no noroeste peninsular. Gosta de terrenos húmidos como lameiros e ribeiras de rios, onde acompanha amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiros (*Salix sp.*) e freixos (*Fraxinus sp.*). Por outro lado, o seu caráter pirófito faz com que seja a primeira árvore autóctone a recolonizar os terrenos queimados.

Nas encostas da Serra de São Mamede, no concelho de Monte de Ramo, encontramos uma das matas de vidoeiros mais impressionantes e extensas da Europa

meridional. Situada entre os 960 e os 1600 m. de altitude, a importância dos seus valores naturais valeu-lhe a declaração de Zona de Especial Proteção (ZEPVN). Esta floresta foi importante encruzilhada de caminhos, entre os quais destacava o chamado camiño de Santa Cruz ou camiño de Queixa que comunicava as terras altas do Maciço Central Ourenzano com o Vale de Maceda e a Ribeira Sacra. Nestas espessuras cometeu a maioria dos seus crimes, segundo própria confissão, o vendedor ambulante Manuel Branco Romasanta, último europeu continental a ser condenado por licantrópia.

Para além de vidoeiro muitas

outras são as denominações populares que esta árvore recebe: alvelo, aveduço, avidoeira, vedolo, vídalo, vido, vidouro, vidro, víduo, vídio... ou vidoeiral, vidoureda, viduedo, viduído... se falamos nas suas matas. Esta imensa variedade dialetal marca também a toponímia da Galiza e da metade norte de Portugal.

Árvore imprescindível na cultura tradicional. A sua madeira é resistente e compacta, mas branda e fácil de trabalhar. Dela faziam-se socas e tamancas (o calçado de cote da maior parte da população até há não muitas décadas), diversos utensílios como cuncas, colheres, jugos, peças do arado... e até máscaras de entrudo. Com a par-

te mais interna da casca fabricavam-se na Antiguidade os pergaminhos chamados *librum* em latim. As suas varas têm sido empregadas por inquisidores e mestres como instrumentos de disciplina. Por este uso escolar foi designada, com certa ironia, como a "árvore da sabedoria".

Foi a monja beneditina Hildegard von Bingen no seu *Liber simplicis medicinae*, lá no século XII, a primeira a escrever sobre as suas virtudes curativas. Diversas partes desta planta foram empregadas como diuréticas, febrífugas, antissépticas ou cicatrizantes.

Quer por ser uma das primeiras árvores de folha caduca a acordar do letargo hibernar, quer pelas suas propriedades medicinais, o vidoeiro tem tido uma grande importância simbólica e espiritual em múltiplas culturas. Sagrado para os celtas, utilizado ritualmente por xamãs e xintoístas, na mitologia judeu-cristã encontra-se nas mesmas portas do Paraíso e até na cantiga popular a sua sombra protetora parece ter algo de sobrenatural...

*Meu Santo São Fins do Castro,
Que lhe dás aos teus romeiros?
Água da tua fontinha
Sombra dos teus vidoeiros.*



EM TEMPOS

O CARANTONHA DE COTERZES

Texto: Carlos C. Varela
Ilustração: Anrom Santos

“Está mais perto da verdade ver as festas religiosas da Europa moderna como pequenos carnavais, que como os tranquilos e graves rituais da atualidade”

Peter Burke

Longe de ser umha exceção, o Apalpador ou Pandigueiro é umha mais das muitas personagens que habitavam o Inverno galego. Umha vasta família europeia de seres carnavalescos festejavam no Natal o começo dum ciclo festivo que se ia intensificando conforme se acercava a Quaresma. É difícil desenmarañar a intrincada árvore genealógica destas personagens, pois a sua diversidade, como a da cultura popular europeia em geral, é caleidoscópica: dam-se quase todas as combinações possíveis dumha série de elementos simbólicos (augurais ou precipiatórios, funerários, de renovação, de sanção social...) que se repetem e concretam em distintos soportes (crenças, objetos, figuras...). Cingindo-nos à Galiza, algumas destas personagens do Natal entruidesco som o folecom ou farinhom de Ancares, as mascaradas de S. Antonlim de Íbias, as talanqueiras de S. Martim de Castanheda, os morenos de Vigo de Seábia, ou o carantonha do Zevreiro. Personagens que se concentram nas marcas orientais e, a nível ibérico, no Nordeste trasmontano e Ocidente samorano.

Antes de mais, cumpre deixar de perceber as personagens do Natal popular através do Pai Natal; esta é umha personagem moderna, com umha biografia e uns autores bem conhecidos, que só é possível no momento em que se encontram duas emergências históricas: a dumha conceção moderna da “infância”⁽¹⁾, e a da produção industrial de brinquedos. Procurar na Europa camponesa personagens natalícias semelhantes a um reclamo publicitário da Coca Cola da década de 1930, é umha tarefa tam absurda como a de aqueles folcloristas do s. XIX, compadecidos por Peter Burke, “que procuravam equivalentes populares da música clássica, a arte académica e assim sucesivamente”⁽²⁾. De igual maneira que os pe-



liquesiros nom som nengumha degradação dumha primitiva personagem comparável às do refinado Carnaval burguês, tampouco se deve reduzir completamente as personagens natalícias a corrupções de outras mais pristinas, desnaturalizadas pola Igreja; os seres entruidescos do Natal entendem-se perfeitamente no realismo grotesco que Bakhtin considerava essência da cultura popular⁽³⁾, e que apenas umha mentalidade moderna pode perceber como degradado e degradante. Uns seres comelhons, amigos do vinho e da festa, irreverentes e desalinados, nom som o resultado da ridiculização do poder, som os genuínos heróis populares do realismo grotesco,

que costumam aparecer nos contos tradicionais exercendo as chamadas “funções naturais” (comer, beber, brincar, peidear...) em toda a sua plenitude.

Nom é que o poder nom interferisse, mas tem-se abusado da ideia de “cristianização” (muito mais intensa na Europa reformista do que na católica) para explicar a cultura popular. Se por exemplo em Áustria o Krampus –personagem de ‘iconografia’ idêntica ao Carantonha– aparecia em Noite Boa para castigar as crianças que se portaram mal enquanto o Sam Nicolás premiava as boas; em Bad Herrenalb (Alemanha) o Pelzmärkte vareava nas crianças à vez que levava o Meninho Jesus em bra-

ços. Ainda, em Mogadouro o Chocalheiro de Bemposta assusta as crianças no 26 de dezembro e 1 de janeiro, persegue as moças e junta dinheiro e maças para a Igreja, com a que tem excelentes relações (como o Ísrio de Castro Caldelas, aforado desde há séculos com direito a ‘barra livre’ na taberna e imunidade para roubar fruta). Cada caso exige umha reconstrução específica.

Se no Courel o Apalpador dava o aguinaldo (“Por aquela cemba / já vem relumbrando / o senhor Apalpador / para dar-vos o aguinaldo”), em Coterzes (Pedrafita do Zevreiro) o Carantonha ia pedi-lo, integrado numha numerosa comitiva que saía correr os Reis. Gra-

ças às notas recolhidas por Lisón Tolosana sabemos como era esta comparsa: “As personagens principais da comitiva som os tradicionais Reis com a modalidade de que vam três brancos e um preto vestidos com sombreiros de palha cubanos, adornados com fitas de cores e espelhos e cobertos com mantons de Manila. Acompanha aos Reis o carantonha. Veste com sapatos, polainas, peles de cabra e oculta o rosto tras umha máscara. Pom dentes longos e cornos de cabra. Leva na mao um pau longo que remata num ramo de xardom (azevedo). Encorre as crianças das aldeias por onde passa quando estes berram: carantonha, Deus te tolha! Chega às casas dando chimpas, entra, e com um cepilho que leva na mao cepilha o traje do senhor ou a senhora da casa; em recompensa recebe o séquito dinheiro, lacom, queijo ou chouriços. E se estes pingem na cozinha intenta tomá-los com a sua vara. Dança fazendo soar as chocas que leva e dá passagem aos Reis que chegam com o gaiteiro. Formam duas parselhas olhando-se de frente, mui dignos, e entoam o seu repertório de canções de Reis e panxolinhas. Às vezes cantam a duo; depois umha parselha responde à outra. Os vizinhos da aldeia visitada rodeiam-nos enquanto entoam as suas lentas canções. O Rei maior, que cortésmente pede permissom para cantar, recebe os presentes que passam a ser a carga dum par de mulas. Os Reis dançam mui digna e modestamente e passam a outra casa. À noite, a comitiva real oferece um baile com gaita e tambor aos vizinhos do lugar em que pernoctam. No dia seguinte saem para o próximo. De volta na aldeia própria celebram a chegada com umha ceia e baile em que toda a vizinhança participa. E se as vianças recolhidas nom som consumidas nessa ceia, repartem-se”⁽⁴⁾.

NOTAS:

1. P. Ariès, L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime, Paris, Plon, 1960
2. P. Burke, La cultura popular en la Europa moderna, Madrid, Alianza, 1991, pp. 25-26
3. M. Bajtin, La cultura popular en la Edad Media y en el Renacimiento, Madrid, Alianza, 1998
4. C. Lisón Tolosana, Antropología cultural de Galicia, Madrid, Siglo XXI, 1974, pp. 154-155



CRIAÇOM

No pólo oposto das construcións faraónicas vazias de con-
tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a
criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do noso país som os galegos e galegas, e
com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com
cada novo número fornecemos un texto literario para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e to-
das estades convidados a participar.
Escreve para literaria@novasgz.com.

Nito Neira trabalha numha residència da terceira idade perto da cidade de Lugo. Mora com o seu gato Selim num
pequeno piso cheio de humidades. Quando tem tempo, escreve algum relato fantástico para se esquecer delas.



A PORTA (II)

Encontrava-se a meia altura, onde costumam nascer as aldeias que se chamam Vilameá, e tinha nas miras umha terra diferente da sua, mais agreste e menos agredida. À sua volta, só uns poucos carvalhos grandes e um algo de mato. Arrodeou umha silveira enroupada do bafo dos nuveiros e deu com um outro peito da terra, bem mais dondo e mais miúdo este do que aquele que se ergue sobre as terras ulhás de Ledesma e de Sergude. Gaveou por ele arriba e intuiu-lhe no cume umha sorte de buraco. Depois de ter enchido as unhas de terra e magoado os dedos con algum fianho de sangue, ficou o oco livre. Ela deixou-se engolir e passou dentro.

O escuro túnel supujo-lhe o primeiro momento dumha certa angúria desde aquele impacto contra a gramática histórica. No entanto, umha vez ultrapassada a sima angosta, chegou-lhe um intre de fascinaçom e de sossego: achava-se no soto dumha enorme mesa de pedra, erguendo-se-lhe perante a vista inúmeras maravilhas áureas: umha galinha e os seus doze pitinhos; umha moreia de pequenos queijos de tetilha, umha roca de fiarem as mouras nos contos das velhas, fouchinhas de mestre feiticeiro e mais algumha cousa que, polo segredo devido, nom poderá aqui ser enumerada. Das paredes, con brilho de seu, penduravam potes, caldeiros e colheres, astros todos da noite subterrânea.

No fundo do corredor, emergiu de entre o fusco um velho anao, todo de preto vestido e com brincos de aziveche nas orelhas guichas. Ela, que nom conhecia a língua antiga do morador da mámoa, descobriu-se entendendo-a, e ainda falando-a por longo espaço, tecendo umha longa conversa da que nom se nos deixa dar parte e nos é dito que digamos que nom existiu.

Dali a um tempo, acordou no cimo da medorra, cheia de fome e com umha confusom, para nos entendermos, como as dos dias que se seguem às esmorgas. Umha vez no carro, o telemóvel sem cobertura indicou-lhe que passaram dous dias e que o seu exame, de nom lembrava que cousa, estava a ter lugar naquele preciso momento.

Acendeu o contato e empreendeu a volta para a casa. Como a fome lhe an-

dava a roer no estômago, decidiu parar num bar à beira da estrada. O estabelecimento tinha por habitante única umha senhora vedraia, entretida na trastenda com a programación televisiva matinal. No preciso momento de abrir a boca para pedir um colacao e umha madalena, ouviu a apresentadora falando da moça desaparecida da periferia capitalina.

Sentiu angústia e apuro. Sacodiuna um vaído de ressaca, acompanhado dumha certa sensaçom de culpa pola tam prolongada ausência. Deixou três euros no balcom, despediu-se balbucindo e deu com o pé direito no acelerador.

Quando acordou na sua cama, o calendário avanzara mais um dia e a casa estaba baleira. Os seus pais, como

de cotio, foram trabalhar, nom sem antes lhe deixarem um agarimoso post-it na neveira. Ela agradeceu a dose de calma. Em tendo molhado a cara, pujo ao lume a cafeteira e sentou na mesa da cozinha. O El Correo ainda estava no plástico. Às atoutinhadas, procurou-se a si mesma naquele jornal. Nom se tendo tido nunca por mal parecida, reconheceu-se num retrato que nom lhe fazia favor nengum. Prometeu-se assopapar aquele fotógrafo, que polo nome no pé da foto lhe pareceu conhecido dos bares de sempre. A jeito de titular, por cima da sua face abrançada figuravam umhas linhas:

LA JOVEN DESAPARECIDA EN
TEO MANIFIESTA HABER CONOCIDO UN MUNDO SUBTERRÁNEO

No corpo da nova falava-se dum possível trastorno mental, da ansiedade académica e mesmo de drogas. A carragem que sentira cara o fotógrafo dirigia-se agora ao jornalista: “juntalettras do caralho, filho de puta”, dixo Ela em alta voz diante do café fumegante. A necessidade de molhar de novo a cara fijo-se-lhe imperiosa, como querendo lavar o juízo do próximo, botando polo sumidoiro a imagem de iónqui e de tralhada que o jornal lhe apunha. Umha voz como de homem pequeno, em lingua estranha e no entanto compreendida, acompanhou a abertura da torneira:

“Agora já sabes onde está a Porta”.

A FOTO

X. Bombai

na catalá vila de Gràcia, neste ano, já som vários meses a viverem ameaçadxs de despejo: um ‘casal de joves’ e o ‘banc expropiat’ dependem de decisons administrativas e trámites burocráticos

há poucas semanas, os muros mostravam imagens que expresavam a vontade de expulsar a violència do bairro, textos chamando à autodefesa e o apoio mútuo frente às agressons estatais-policiais.

há dias, era a Kasa de la Muntanya, ali ao lado, a que padecia a incursom paramilitar da policía autonómica, numha operaçom chamada de ‘Pandora’ que muitos traços comparte com a aqui infame ‘Castinheiras’.

‘la nostra millor arma,
la solidaritat’





LÍNGUA NACIONAL

Canção de Natal

Isabel Rei Samartim

Estava morto e isso não tem volta. Várias décadas atrás algumas pessoas viram a vida lhe sair do corpo doente, deixando-o seco e lívido. Sim, morreu. Ademais, disseram no TV. Com toda certeza, Franco estava morto. Há que deixá-lo claro porque é indispensável para entender o pavor do juiz Scrooge quando o espectro de Franco se lhe apareceu, na intimidade do quarto, a reverberar entre infernais chamadas para adverti-lo de mudar o rumo e de que nessa noite receberia a visita de três fantasmas.

Até esse momento Scrooge tinha sido um juiz implacável. Tinha feito do seu lugar de trabalho, o Tribunal, um castigo de delinquentes. Ele atinha-se à letra dos informes policiais. E sobre eles aplicava as leis, impiedosamente, na procura da justiça nacional. Nada fazia tremer a mão de ferro

do juiz que ao escutar o desejo de Bom Natal respondia com um ríspido: *Tólices!*

Aquela noite no quarto de Scrooge apareceu-se o fantasma dos Natais passados. As imagens que lhe mostrou tinham a ver com a infância. Viajaram até aos tempos da escola e ali reconheceu os seus amigos da alma. Scrooge ria e comia bolo de Natal. Depois viu como o seu melhor amigo era falsamente acusado por outro neno. E o menino Scrooge quisera defendê-lo, mas os adultos não lhe deixaram. Anos mais tarde aparecia debruçado sobre uns apontamentos de Direito: "Não poderá haver condenação sem a existência de provas lícitas". O jovem Scrooge lembrava-se do seu amigo injustamente expulso, das báguas que ambos verteram e a dolorosa separação. Onde estaria ele agora?

Depois disto o juiz ficara com pesar no coração, quando se lhe apareceu o fantasma dos Natais presentes. Com urgência arreba-



tadora levou-o ao interior duma prisão onde um jovem numa estreita cela escrevia num envelope: "à minha família". Pairavam na mesa coloridos livros de história, sociedade, língua, contrastando com as grisalhas e sujas paredes. O debuxo do papo-ruivo tranquilamente pousado numa grade dizia que é impossível encerrar o pensamento. O juiz Scrooge pen-

sou que a cadeia não era lugar para a alma dum artista e desejou-lhe a liberdade.

Esta visão tinha-o deixado num estado de completa tristeza. Bruscamente um ar gélido entrou e um estrondo de sinos a defunto retumbou nas paredes do quarto. O terrível fantasma dos Natais futuros tinha chegado. Mostrou-lhe um funeral, um caixão e, dentro, o correspondente morto. Scrooge apegou-se para ver quem era, mas um véu tapava o rosto. Em volta, escutou um falar baixinho: *E pois finou o velho raposo. Finou, mas já ocuparam seu posto. Quem? Esse que o cuidou nas últimas semanas. Ah, e não seria ele...? Sim, fala-se que lhe "adiantou" a morte. Total, ia morrer igual. Isso. Rei morto, rei posto. Dura lex, já sabemos.* Scrooge, horrorizado pela ideia do assassinato, correu junto do fantasma a exigir explicações. Não saber quem era o morto perturbava-o imenso. Quis fugir dali. Mas o fantasma assinalou de no-

vo o caixão onde uma inscrição dizia: Juiz Scrooge. O terror trespassou-lhe o corpo. Não acreditava. Seu único amigo nos últimos tempos, tudo quanto tinha, teria provocado a sua morte? Que raio fizera ele para merecer tal! Scrooge rilhava e zunia e no climax da desesperação acordou enchoupado em suor e lágrimas.

No quarto matutino entrava uma clara luz invernal. Ofegante, Scrooge abriu a janela e perguntou a um vizinho que dia era hoje. *Dia de Natal, senhor juiz. Então, Bom Natal, vizinho!* O vizinho olhou-o de esguelho. Scrooge comprovou com júbilo que estava vivo! Então entendeu a advertência dos fantasmas. Agradeceu a oportunidade de emendar-se. Reconheceu as suas más ações. Quis festejar a vida, a liberdade, a justiça! Vestiu-se e dirigiu-se veloz ao Tribunal com um único objetivo: anular as injustas condenas de tod@s @s pres@s polític@s no dia de Bom Natal!

CINEMA

Entre o museu e a catarse: A Esmorga

Iván García Ambrúñeiras

Na versom d'A *Esmorga* de Ignacio Vilar, recentemente estreada nas nossas salas de cinema, coexistem dous impulsos que poderiam parecer quase contraditórios, e que acabam armando a sua poética cinematográfica. Por um lado, há o recurso a um certo costumbrismo, que revela o lado mais acadêmico do processo de adaptação. Assim, o filme coloca um considerável esforço numha reconstrução histórica (que desloca o tempo em que se situa a narração, num movimento que me parece bastante inteligente, da época em que está ambientado o romance para a época da sua escrita) que chega a extremos pontilhosos. Nom só na reprodução dos cenários e ambientes, mas também numha aposta em certo sentido antropológico. De facto, o filme parece deter por momentos o seu decorrer para nos mostrar peque-



nos gestos (os utensílios e a maneira com que se fam umhas sopas de alho ou a limpeza dum polo ao pé das Burgas) que parecem inseridos nom apenas por umha vontade de rigorosidade histórica, mas como umha lição de cousas para um possível espetador que nom vivesse a época, como um elemento que quase qualificáramos como didático.

Por aí o lado costumbrista, que sempre figura polo menos no fundo do ecrã enquanto olhamos o filme. Mas contra este movimento há outra aposta que fai o cineasta, que é por umha fisicidade extática, totalmente sublinhada por umha câmara móvel que se cola aos personagens, que os persegue até ao limite das suas forças. Há al-

go de catártico nesse olhar colado à terra, e nesse movimento o filme afasta-se do cartompedra, até ao ponto de conseguir dar umha forte sensação fedorenta, chegando a cheirar essa Auria através do saber-fazer dum diretor de fotografia, Diego Romero, que vem dum cinema (o de Minervini ou Pareda, que pudemos ver no ano passado no Play-doc) quase oposto ao que nos mostrar até ao momento Ignacio Vilar.

No meio destes dous impulsos, se calhar, poderia situar-se o uso da palavra, que por um lado responde a essa vontade filológica de recuperação do galego de Blanco Amor, mas que em quase nenhum momento soa artificial, apoiada nuns atores que encarnam de maneira convincente essas palavras. Assim, encontramos-nos perante um filme de encruzilhada, que se estreia quando se completam 25 anos dessa pioneira tentativa de construção dumha indústria galega,

e que parece querer levar a cabo essa aposta num cinema nacional-popular que propunha Chano Piñeiro, atualizando-o com a recorrência a certas poéticas que están no ar dos tempos, e talvez também marcando um certo limite das possibilidades estéticas deste caminho.

O filme tem eivas evidentes, como a dificuldade com que maneja a repetição de situações, a aposta no grotesco (para o qual sem dúvida contribui a mudança de idade dos personagens) que escurece ou mitiga outros matices tonais que se perdem na adaptação ou a incoerência nalgum momento do ponto de vista da narração, mas é um exemplo interessante para pensar as possibilidades e problemas dum cinema popular-industrial na Galiza. E, por outro lado, que levantem a mão os que esperavam a tal altura um produto desta consistência tendo em conta a trajetória passada de seu realizador. Eu fico com elas abaixo.